



PROPOSTA



3 – Proposta

3.1 – Fundamentos

a) Mais uma vez a sociedade faialense adopta o apelo “não apaguem as memórias”, agora em relação ao ícone da História das Comunicações transatlânticas – a **Trinity House** com o seu singular “**operating room**” e aos espaços históricos da sua envolvente urbana.

Não afectar este património impedindo a musealização da sua memória, deixará o Faial e os Açores numa posição incómoda, especialmente agora que têm surgido referências abonatórias da sua importância histórica (ex. a integração na exposição Comunicar na República e na obra de investigação que a suporta – www.fpc.pt (p.87 – vidé extrato em anexo), aludindo à participação dos Açores na 1ª fase da globalização

De facto, poderá perguntar-se que alternativa de utilização poderá ser mais útil e ter maiores reflexos culturais do que a constituição do Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos.

b) Este projecto, já com um percurso de acompanhamento pelo Museu da Horta, pode ser lançado de forma progressiva e com baixo custo, assentando na criação de uma rede transnacional de centros históricos de cabo submarino.

3.2 – Opções museológicas

A par das tarefas parciais previstas no plano de trabalho (ex: a identificação dos equipamentos), desde o início (2009) que o Grupo ad hoc se preocupou com a reflexão sobre o modelo museológico.

Em causa estavam os factores a considerar nas circunstâncias presentes (das opções conceptuais às limitações financeiras) e, especialmente, a respectiva organização integrada (ref. modelo).

As reflexões com o Director do Museu da Horta e as pesquisas, os contactos e os pareceres permitiram um consenso sobre as linhas de orientação seguintes:

a) Paradigma das comunicações

Esta opção baseia-se nas informações recolhidas no Museu das Comunicações e do respectivo Grupo de Amigos. Assenta num parecer pedido ao Eng.º Joel de Almeida (Ex-Director deste Museu, ex-Conselheiro da Marconi e da PT, Vice-Presidente da Associação de Museus de Ciência e Curador e Coordenador Científico da exposição Comunicar na República), fundamenta-se na estrutura de conhecimento interdisciplinar subjacente



aos estudos sobre Comunicações e na proximidade com a organização dos museus de ciência.

A pesquisa sobre os museus de cabo submarino noutros países trouxe também informações relevantes, embora com modelos diferenciados sobre as entidades que participam na gestão.

b) Instalação in situ (Trinity House)

Trata-se de uma preferência de princípio mas que só passou a ser defendida quando se soube que o edifício Trinity House deixaria de ser utilizado nas suas funções actuais. E, ainda, quando se passou a conhecer referências sobre a singularidade histórica do "operating room".

Relevante é, de facto, a mais-valia que este edifício representa para a globalidade do projecto e para a projecção da imagem dos Açores na História das Comunicações.

c) Contextualização

Esta orientação cruza o sentido determinado pelas duas linhas de orientação anteriores e remete para a abordagem referida nos dois últimos parágrafos da **Introdução** (p.7). Assim, pelo paradigma Comunicações o tempo dos cabos submarinos "subordina-se" a lógicas científicas aplicadas aos processos de telegrafia submarina no "**contexto**" da evolução das comunicações (1) e pela instalação "in situ", o projecto obriga-se a uma lógica de "**contexto**" do próprio funcionamento original (2) (ainda dependente de trabalho em curso relativamente à montagem de circuitos sobre os percursos do sinal telegráfico).

Por outro lado, pela passagem de uma estrutura limitada aos espólios expostos "intramuros" para um **Espaço Museológico** integrado pelas envolventes que lhe são específicas e pela passagem do contexto local para a rede de parceiros que operaram conjuntamente, o projecto acolhe uma dimensão de grande solidez historiográfica.

d) Dimensões de extensão

Encaram-se duas dimensões de extensão, a que recorre a suportes virtuais para introduzir simulações dos elementos comunicacionais (1) e a que remete para objectivos de educação científica sobre fenómenos e processos do âmbito da Física (2).

A influência subjacente a esta opção decorre do estudo do funcionamento do mais importante museu de cabo submarino, em Porthcurno, e do parecer pedido a uma professora da Universidade de Manchester (e membro do Grupo de Amigos), Francisca Wheeler, com larga experiência no movimento de "learning outside the classroom".



3.3 - Núcleo da Trinity House

a) Afectação da zona do "operating room" para núcleo museológico

Este núcleo, implicitamente extensão museológica do Museu da Horta, deve ser considerado como elemento integrante do **Espaço Museológico**, de acordo com as rubricas 3.4 e 3.5.

Para além da salvaguarda de um património único, acresce, neste momento, um conjunto de circunstâncias favoráveis a esta afectação, a saber:

- O edifício vai ficar devoluto (houve o cuidado de obter a confirmação)
- A afectação necessária - apenas a zona assinalada (Fig nº 28 e 29) - deixa grandes áreas para outras utilizações
- O espaço a afectar dispõe de acesso autónomo
- O edifício apresenta-se em boas condições estruturais e dispensa obras de adaptação (por se tratar de museu in situ)

b) Classificação patrimonial

A importância histórica referida e a proposta de afectação, obrigam, em coerência, que seja preparado o processo de classificação patrimonial, por agora apenas no âmbito regional.

Esta classificação pode ser autónoma ou integrada globalmente nas referências do **Espaço Museológico** (vide nº 3.4)

c) Espaços e conteúdos

Os *esquemas* que se apresentam (Fig nº 34) balizam a solução espacial estudada para o Núcleo da Trinity House.

No "**operating room**" seriam concentrados os equipamentos telegráficos e painéis explicativos do seu funcionamento.

Nos espaços circundantes podem integrar-se os espólios iconográficos das memórias antropológicas e sociais (Fig nº 35).

d) Funcionamento

Reflectiu-se sobre três dimensões: os *recursos humanos*, o *horário* e os *tipos de visita*.

No primeiro caso, deve reter-se, essencialmente, os limites dos actuais meios do Museu da Horta e o eventual recurso ao regime de voluntariado.



No segundo caso, o horário e o nº de dias por semana, apenas se poderá sugerir que as eventuais dificuldades não devem impedir a entrada em funcionamento, porventura de forma progressiva e em regime reduzido.

Quanto aos tipos de “oferta”, visita simples, guiada ou promovendo a educação científica, só poderão ser desenvolvidos em função da preparação dos conteúdos (conforme sugere o parecer da Professora Francisca Wheeler) e da preparação dos intervenientes.

e) Ensaio expositivo

Propõe-se que seja preparada uma exposição experimental no “operating room”, pelo Museu da Horta, a inaugurar na **IV Conferência O Tempo dos Cabos Submarinos, no final de Julho de 2012**.

Seria reconstituída a exposição de 2010, agora alargada à evolução do trabalho de recuperação em curso pelos antigos cabografistas.

Deste modo, seria ensaiada a configuração do modelo expositivo projectado que estaria aberto ao público durante o verão de 2012.

Nessa altura, com a evolução prevista, **sugere-se que o Senhor Presidente do Governo Regional inaugure a exposição e anuncie as orientações da política cultural a aplicar ao conjunto de ideias e sugestões deste movimento.**

3.4 – Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos

Com o Espaço Museológico, de acordo com a análise feita anteriormente (vide pontos 2.6, 2.7 e 2.8), procura-se realçar a verdadeira dimensão do que foi e ainda é, na realidade física e na realidade virtual e imaginária, a vivência da epopeia das comunicações por cabo submarino.

Com a dimensão física de ordem arquitetónica (edifício apto a albergar o espólio e vivências que lhes estão afectas) e urbana (áreas e espaços onde se inseriu e desenvolveu o universo das comunicações na cidade da Horta) (Fig nº 27) considera-se, ainda, **um espaço de natureza virtual**, que permita estabelecer “parcerias de complementariedade” com os outros lugares e comunidades por onde passaram as comunicações por cabo submarino, estabelecendo assim laços de parceria para divulgação dos primórdios da telegrafia submarina no seu percurso nacional e transnacional (Fig. nº 38).

O Espaço Museológico de acordo com a análise apresentada nas rubricas 2.7 e 2.8, integra ainda o Roteiro do Cabo Submarino ou o Roteiro das Comunicações (Fig. nº 37).



3.5 – Rede de centros históricos de cabo submarino

O Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos não pode resumir-se ao que ficou ou se passou no Faial. Terá de reflectir as consequências internacionais (“o local” do “global”). De facto, a história das comunicações fez-se comunicando, numa lógica própria que integra os conceitos de emissor/receptor, de distância/duração e do outro (outra pessoa/outra local/outra cultura) e do factor “*nó*” na dinâmica em rede como singularidade dos respectivos sistemas e projectos político-económicos..

Pelos cabos submarinos telegráficos, entre o tempo da notícia que ia de barco e o tempo da TSF, os “mundos” foram-se ligando através dessa forma precursora que nos é mostrada pelos mapas das redes de cabos da Cable and Wireless, da Western Union, da Commercial Cable etc.

No seu contributo para a musealização desta epopeia do desenvolvimento humano universal, a Horta dos Cabos Submarinos deve assentar numa visão museográfica interactiva, que não prescindia da relação com os parceiros do Atlântico Norte e do Atlântico Sul que partilham memórias de características semelhantes.

Neste sentido, a constituição de **uma rede/roteiro dos sítios com relevância histórica** nos primórdios do cabo submarino merece grande atenção, na dimensão do próprio funcionamento em Espaço Museológico Virtual (vidé rubrica anterior) e na perspectiva de classificação de um património transnacional comum.

O estabelecimento desta rede de centros históricos deve ser desenvolvida progressivamente, podendo, em função dos dados disponíveis, iniciar-se pelo “**triângulo estratégico do Atlântico**” (Carcavelos, Horta, Mindelo).

Os membros da coordenação do Grupo dos Amigos têm vindo a desenvolver contactos com centros / museus em diferentes países, concertando diligências que possam conduzir aos objectivos e à estrutura do projecto global.

3.6 – Divulgação através do espaço cibernético

Além da informação sobre este movimento ao nível regional, em termos nacionais e no plano internacional, por contactos directos ou no âmbito das iniciativas já realizadas, sente-se a necessidade de um instrumento eficaz para o acesso a mais destinatários e para maior amplitude noticiosa.

O recurso à “internet” através de um site específico sobre a história da *Horta dos Cabos Submarinos* e os objectivos deste movimento não foi ainda desenvolvido e accionado, apesar de frequentemente solicitado.

Esta carência deve ser preenchida com urgência.



3.7 – Aprofundamento historiográfico

A proposta de natureza museológica que aqui se defende não atingirá a relevância e a credibilidade que justifica se não dispuser de **dados narrativos rigorosos**, de análise histórica consequente e de **um processo de investigação continuado**. Foi nesse sentido que se promoveu com o Museu da Horta um Colóquio interdisciplinar (vidé ponto 2.3) e se estabeleceram ligações com a Fundação Portuguesa das Comunicações (vidé ponto 2.5), que certamente vão continuar.

Este objectivo deve prosseguir, agora também junto de centros universitários nacionais e estrangeiros, que estão a pesquisar sobre a história das Comunicações e a história da globalização, acedendo-se a novas fontes (como é o caso mais recente do Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros) e à constituição de equipas de projecto, não só interdisciplinares, como interinstitucionais.

3.8 – A participação do Museu da Horta

a) A presente proposta foi “construída” a pensar que poderia integrar-se nos planos do Museu da Horta. A solução obrigatória de baixo custo assim aconselha com as orientações conhecidas de não se proliferar estruturas. A capacidade já instalada é uma mais-valia a explorar, desde já sobre os limites de ocupação e competências dos recursos humanos, para também ser ensaiada a solução praticada em projectos semelhantes de se contar com regimes de voluntariado. Entretanto, parte-se de uma boa plataforma de trabalho realizado. O percurso de questões concretas conseguidas em conjunto aconselha o empenhamento nesta via, que já deu resultados muito úteis. Por tudo isto, espera-se que prossiga a boa cooperação que tem assegurado até agora excelentes perspectivas para esta nova valência do Museu da Horta.

Neste âmbito, não se esquece que para o Director do Museu da Horta, apesar da sua atitude colaborante, o que mais lhe interessa, logo, a sua prioridade principal é a aprovação das obras de alargamento do edifício principal do Museu, o que, naturalmente, como transmitiu, condiciona a sua visão museológica sobre a organização das relevâncias da história local.

b) Entretanto, em termos imediatos, seria muito importante que o Museu da Horta se responsabilizasse pelas tarefas seguintes, que aliás têm feito parte dos contactos estabelecidos:



1ª prioridade (urgente)

- Reconstituição da exposição **A Horta dos Cabos Submarinos**, actualizada;
- Apoio à fase conclusiva da identificação dos equipamentos e eventuais reparações, permitindo a montagem de circuitos;
- Lançamento de um site que integre o património do tempo dos cabos submarinos

2ª prioridade

- Concepção da montagem experimental daquela exposição no “operating room” para a IV Conferência de O Tempo dos Cabos Submarinos, durante o verão de 2012;
- Realização do inventário dos equipamentos;
- Realização do inventário de todo o restante acervo sobre cabos submarinos;

3ª prioridade

- A análise dos restantes aspectos constantes desta proposta, estudo dos pareceres e das diligências já realizadas e debate sobre a concepção global e a organização funcional das áreas do projecto (Trinity House, espaço museológico e rede de sítios históricos de cabo submarino).

